

# *A cidade do Recife e a consciência da intelectualidade acerca do subdesenvolvimento brasileiro em meados do século XX*

FÁBIO SILVA DE SOUZA<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo

**Resumo:** Este ensaio tem como finalidade propor uma análise sobre a percepção do subdesenvolvimento durante os anos 1946 – 1964, como experiência social e cultural. O eixo dessa perspectiva gira em torno das reflexões sobre o subdesenvolvimento econômico e social do Nordeste levadas a cabo por uma determinada elite intelectual de esquerda. Pretendemos a partir desse exercício de reflexão apontar para um possível perfil coletivo desses intelectuais nesse meio de século, em Recife. Suscitar ideias e reflexões sobre o lugar da cena intelectual engajada recifense nos projetos reformistas da Quarta República e, por fim, apresentar a possibilidade de uma nova sensibilidade intelectual com relação ao “espetáculo da pobreza”, em meados do século XX, ter contribuído para a formulação canônica do conceito de subdesenvolvimento brasileiro.

**Palavras-chave:** Recife; experiência urbana; Subdesenvolvimento; intelectual.

**Abstract:** This essay aims to propose an analysis on the perception of underdevelopment during the years 1946 - 1964 as a social and cultural experience. The central point of this perspective deals with the reflections on the economic and social underdevelopment of the Brazilian Northeast carried out by a specific leftist intellectual elite. We intend with this task to point out a possible collective profile of these intellectuals in the middle of the century, in Recife. Raising ideas and reflections about the importance of this active intellectuals in the reformist projects of the Fourth Republic and, at the end, to present the possibility of a new intellectual perception of the “spectacle of poverty” in the middle of the twentieth century, which contributed to the canonical formulation of the concept of Brazilian underdevelopment.

**Palavras-chave:** Recife; urban experience; underdevelopment; intellectual.

Recebido em 29/03/18 e aceito em 23/04/19.

---

1. Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Título da pesquisa: A cidade do Recife na IV República: cultura, sociabilidade intelectual e a questão do subdesenvolvimento. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. E-mail: fdesouza@usp.br.

## Recife: o epicentro do subdesenvolvimento nordestino em meados do século XX

A cidade do Recife se estabeleceu desde a segunda metade do século XIX como a maior aglomeração populacional do Nordeste, chegando a ter, nos anos de 1950, cerca de 700.000 habitantes<sup>2</sup>. Se em linhas gerais podemos definir a pobreza como sendo a carência no que concerne à satisfação das necessidades básicas do ser humano, tais como alimentação, moradia e vestuário, torna-se imperioso dizer que parcela significativa dos habitantes da capital pernambucana, nesse meio de século, vivia em um estado de miserabilidade. O médico e cientista social Josué de Castro, na sua *Geografia da Fome*, indica que a cidade do Recife tinha cerca de 200 mil pessoas improdutivas, vivendo marginalizadas em palafitas erguidas na beira dos rios Beberibe e Capibaribe, bem como em mocambos em outras partes da cidade (CASTRO, 1984).

Na capital pernambucana, as favelas e mocambos estavam em todos os bairros, por toda parte. Recife era, à época, o expoente do subdesenvolvimento econômico e social do Nordeste. Esse traço marcante tinha causas bem identificáveis: a crise da dinâmica econômica rural, particularmente do Nordeste, agravadas pelos avanços do desenvolvimento industrial do Centro-Sul do Brasil no pós-1930, que drenava recursos humanos e financeiros para outros lugares. As alterações na arcaica estrutura econômica brasileira, que desde há muito era voltada para exportação de produtos agrícolas, produziram o fenômeno da migração da população do campo para as cidades em larga escala e sem o mínimo de planejamento urbano. Os camponeses, que os latifundiários não conseguiam mais manter nem nas condições mínimas de produtividade, passaram a abarrotar

---

2. Cf. IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acessado em 14/04/2017.

as grandes capitais, em especial Recife, constituindo um exército de reserva de mão de obra a baixo custo (OLIVEIRA, 1977).

Esse fenômeno contribuiu para que a capital pernambucana se tornasse o epicentro mais empobrecido de uma das regiões mais pobres do mundo, à luz das análises de Joseph A. Page (1972). Nas palavras de Josué de Castro eram homens, mulheres e crianças vivendo

[...] da pesca de caranguejos e siris, chafurdando nesse charco onde tudo é, foi ou vai ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excrementos e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela e vive dela. E o homem que aí vive se alimenta desta lama sob a forma do caranguejo. As populações mantidas através desse trágico “ciclo do caranguejo” representa um resto do monturo humano que o vento quente das secas joga nas praias do Nordeste (CASTRO, 1984, p. 241).

Uma das características dessa cidade subdesenvolvida eram os pobres e os ricos vivendo em regiões compartilhadas, variando tão somente a qualidade e o tamanho da habitação. A pobreza, nesse sentido, não era territorializada. Esse espaço urbano, que aprofundava de forma incontestada as desigualdades sociais, apresentava essa especificidade porque também ele foi se modificando na medida em que a miséria extrema, marca do meio rural brasileiro, passa a invadir o tecido urbano de maneira avassaladora, entre os anos 1940 e 1950, alterando de forma contundente a paisagem urbana. A professora Virgínia Pontual procurou sintetizar essa perspectiva da seguinte forma:

A cidade modificava-se vertiginosamente pela decomposição do complexo rural; a cidade modificava-se pela emergência de novas forças sociais e políticas; a cidade modificava-se pelo crescimento do número de mocambos; a cidade modificava-se pela destruição de mocambos e pela construção de vilas habitacionais; a cidade tornava-se rebelde em suas múltiplas expressões; portanto, como fazer essa menina, tornada mal-educada, parodiando o jornalista

Mário Melo, voltar a ser a sinhazinha de outrora (PONTUAL, 2001, p. 428)?

A partir de um ponto de vista esquemático, essa vertiginosa ocupação, apontada pela professora Virgínia Pontual, se espalhou pela cidade do Recife a partir de alguns eixos. Seguindo a margem esquerda do Capibaribe, da região central para as áreas ao norte da cidade, tínhamos os bairros que se desenvolveram onde antes eram áreas de engenhos. Tornadas residenciais em fins do século XIX, com o desenvolvimento dos transportes coletivos, essas áreas compreendiam aos bairros do Derby, Madalena, Aflitos, Graças, Espinheiro, Monteiro, Casa Forte, Poço e Apipucos. Esses bairros permaneceram como residência incontestada da burguesia tradicional, mas já nos anos 1940, as mansões da burguesia contrastavam com as palafitas construídas nas margens do rio Capibaribe e com inúmeras favelas que passaram a ocupar os espaços vazios daquela região.

Ao sul da cidade, naquele que podemos considerar como sendo o segundo grande eixo de ocupações nesse meio de século, temos o bairro de Boa Viagem. Sobre o litoral, esse bairro era, nos anos de 1940, um vilarejo de pescadores. Nesta região, onde a burguesia mantinha suas grandes casas de veraneio à beira mar, as mansões passaram a ser contrastadas, a partir de fins da década de 1940, pela ocupação, em uma das extremidades da orla, da comunidade Brasília Teimosa. Esta verdadeira cidade que se erguia em palafitas e mocambos em frente à praia contribuiu para transformar a fisionomia do bairro que antes era um espaço privilegiado da burguesia recifense. Não muito longe dali, tínhamos o centro da cidade. Composto pelos bairros mais antigos, Santo Antônio, São José, Boa Vista e Santo Amaro, que, embora não compartilhassem das belezas naturais do litoral, dividiam com ele o crescimento desordenado. Os numerosos casebres e mocambos que vão reordenando a paisagem afugentavam os velhos moradores para outras áreas da cidade. No bairro de Santo Antônio, onde o porto

da cidade está localizado, diuturnamente era possível encontrar um contingente expressivo de mendigos vivendo pelas ruas sem ter para onde ir, cenário que contrastava com as riquezas que entravam e saíam pelo porto. No bairro da Boa Vista, a favela sobre pilotis dos Coelhos compunha a paisagem junto aos grandes casarões. No bairro de São José, as antigas residências burguesas passavam a ser ocupada pela população pobre que para lá acorria. Já no bairro de Santo Amaro, a tessitura urbana era composta por vários núcleos de favelas. A comunidade da Ilha de Santa Terezinha, uma das mais miseráveis dessa parte central da cidade, contrastava com a construção de uma das vias mais importantes da cidade: a Avenida Agamenon Magalhães, via que iria cortar vários bairros ligando Recife a Olinda e que tivera o início de suas obras na década de 1960<sup>3</sup>.

De um extremo a outro da cidade do Recife, nesse meio de século, os bolsões de miséria e de subdesenvolvimento poderiam ser encontrados, em meio a ilhas de riqueza e casarões das elites tradicionais. Essa situação não era uma novidade nem no Brasil, nem no Recife. No entanto, naqueles anos, assumia uma importância primordial para a elite culta local. Na base dessa nova sensibilidade em relação à pobreza estava uma nova concepção de trabalho intelectual cujo marco principal era pensar o processo de modernização da sociedade a partir de investigações científicas sobre a realidade cultural e social brasileira (PÉCAUT, 1990; MOTA, 1977). Assim, na medida em que as pesquisas se aprofundavam sobre a dimensão política, econômica e cultural dos problemas sociais, mais o “espetáculo da pobreza”<sup>4</sup> saltava aos olhos analíticos da intelectualidade que frequentava os espaços de circulação e vivências culturais da cidade do Recife.

Para estes intelectuais, a novidade dos pobres e flagelados nas ruas da

---

3. Esses delineamentos sobre a ocupação vertiginosa da cidade do Recife, em meados do século XX, também se fundamentam nas considerações desenvolvidas por MARIN (1995).

4. Termo cunhado por BRESCIANI (1982).

cidade do Recife, exibindo suas necessidades e falando uma linguagem política por meio das associações de bairros, do movimento operário, dos movimentos culturais e eclesiais configurava um elemento que dava uma nova perspectiva aos anseios de transformar a ordem política, econômica e social vigentes. Nesse sentido, o conjunto de fatos econômicos e sociais que poderiam ser mobilizados para explicar aquela dada realidade foi revisado por historiadores, economistas, sociólogos, geógrafos, bem como por outros estudiosos.

### **Os intelectuais e a nova sensibilidade culta em relação à pobreza**

O marco inicial das reflexões de novo tipo em relação à pobreza foi a publicação do livro *Geografia da Fome* de Josué de Castro, em 1946. Neste ensaio, do maior interesse científico acerca das populações assoladas pelo flagelo da fome, Josué de Castro procura analisar os principais fatores socioeconômicos que contribuíram para a subalimentação, desnutrição e empobrecimento dos trabalhadores do campo e das cidades. As análises dos complexos econômicos e sociais, a partir de métodos sanitários e biológicos, permitiram ao autor descrever de forma acurada a degradação humana experimentada por uma parcela significativa da sociedade brasileira. Partindo do princípio de que os homens, em qualquer camada social, têm necessidade de um mínimo de saúde, nutrição e descanso para realizar suas atividades, o autor traz à tona como era pequena a porcentagem dos homens que desfrutavam efetivamente desses mínimos e de que forma os interesses econômicos e políticos das oligarquias da região influenciaram esse quadro (CASTRO, 1984).

Quatro anos depois desse primeiro estudo empreendido por Josué de Castro, surgia outra contribuição significativa para se compreender o subdesenvolvimento nordestino, em especial aquele vivenciado pela capital

pernambucana. Em 1950, João Cabral de Melo Neto publicava o poema *O cão sem plumas* (NETO, 1979). Nessa obra, o poeta pernambucano apresentava uma cidade do Recife crispada pela miséria. O seu *O cão sem plumas* era a descrição da realidade dos moradores das palafitas e mocambos fincados na beira do Rio Capibaribe. Partindo de uma narrativa em que o rio e os homens e mulheres ribeirinhos eram entes indissociáveis e marginalizados da dinâmica social e econômica da cidade do Recife, o autor passa a se inserir nas reflexões em torno do subdesenvolvimento nordestino.

A incursão do poeta pernambucano sobre temas que retratavam aspectos do subdesenvolvimento continua em outras obras. Em 1956, João Cabral de Melo Neto publicava *Morte e Vida Severina* (NETO, 1956), um conjunto de poemas que apresentava o sofrimento dos retirantes que migravam do interior para a cidade do Recife. Os poemas que compunham esta obra procuravam descrever que as trágicas situações vivenciadas pelos camponeses no interior do estado de Pernambuco, não se alteravam quando estes migravam para a capital pernambucana. Esses registros literários demonstram outra face da percepção do subdesenvolvimento em Recife.

As leituras sobre o subdesenvolvimento do Nordeste foram contempladas com outra relevante contribuição em 1959. O economista Celso Furtado apresentava, nesse ano, um estudo intitulado: *Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste* (BRASIL. SUDENE – GTDN, 1967)<sup>5</sup>. Tratava-se, dessa vez, de um estudo técnico elaborado em conjunto com outros especialistas vinculados ao Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno). As diretrizes encampadas pelo documento versavam em analisar as disparidades de

---

5. Do mesmo autor, vale ressaltar também seu livro: *Formação Econômica do Brasil*, publicado em 1959. Esta obra contribui, do mesmo modo, para evidenciar as preocupações desse intelectual com os compassos e descompassos da formação e do desenvolvimento do complexo econômico brasileiro (FURTADO, 2005).

desenvolvimento econômico-social entre a região Nordeste e o Centro-Sul e propor estratégias para diminuir ou superar essas desigualdades. A importância desse estudo reside no fato de ele ter servido como base para a elaboração de um plano de política econômica para região Nordeste que resultou na transformação do Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno) em Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE (ABREU, 2001).

Significativo também para a compreensão deste Nordeste subdesenvolvido foi a publicação, em 1963, do livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, de Manuel Correia de Andrade (ANDRADE, 2005). Nesta obra, o autor procura mesclar componentes geográficos, históricos e econômicos para explicar as relações de produção e trabalho no Nordeste brasileiro. A partir de uma perspectiva marxista, o autor procura evidenciar as especificidades das relações de produção e trabalho nas regiões da Zona da Mata, Agreste e Sertão em cada uma das unidades que compõem a região Nordeste. A riqueza dessas análises produziu a criação de um novo modelo de regionalismo de tipo sócio-econômico-histórico que permitiu o entendimento das mazelas dos estados e cidades nordestinas a partir das suas próprias características fundamentais.

Nesse meio de século, vários outros esforços para compreender as mazelas do subdesenvolvimento nordestino foram realizados, não apenas por autores individuais, mas por instituições agregadoras de vários intelectuais. Um exemplo é o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, criado em 1949. Com uma estrutura técnico-científica mobilizada em torno dos Departamentos de História Social; Sociologia; Psicologia Social; Antropologia; Economia; Geografia Humana; e Estatística e Cartografia, essa instituição se distinguiu pelas variáveis em que as produções intelectuais eram organizadas. Essa estrutura fazia do Instituto Joaquim Nabuco um notável espaço de sociabilidade intelectual, cuja produção cultural era reconhecida oficialmente pelas instâncias governamentais como parte integrante de seus esforços para “estudar os problemas sociais

relacionados direta ou indiretamente com a melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro [...]”<sup>6</sup>.

Outra importante forma de contribuição institucionalizada fora aquela dada pelos intelectuais vinculados à Universidade do Recife, fundada em 1946<sup>7</sup>. Espaço de sociabilidade intelectual por natureza, alguns professores desta instituição, especialmente os pesquisadores vinculados ao Instituto de Ciência do Homem, cumpriram um papel fundamental nos debates e projetos que visavam equacionar os problemas sociais da população nordestina. As reflexões e ações levadas a cabo por estes intelectuais foram delineadas a partir de duas iniciativas distintas: a primeira, com trabalhos realizados em conjunto com o Instituto Joaquim Nabuco e com a SUDENE; a segunda, a partir de produções individuais. De uma forma ou de outra, essas iniciativas faziam da Universidade

---

6. “O Instituto Joaquim Nabuco (I.J.N.), criado pela Lei número 770, de 21 de julho de 1949, alterada pela Lei nº 1.817, de 23 de fevereiro de 1953, e ao qual foi pela Lei número 3.791, de 2 agosto de 1960, concedida personalidade jurídica e autonomia financeira e administrativa, tem por objetivos: I - estudar os problemas sociais relacionados direta ou indiretamente com a melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro, inclusive do pequeno lavrador das regiões agrárias do Norte, assim definidas as áreas de agricultura que se estendem da Bahia à Amazônia; II - colaborar nos estudos de qualquer outro problema social nordestino, ou deles participar, desde que essa atividade não prejudique a referida no item anterior; III - promover o ensino das ciências e das técnicas de pesquisas sociais, através de conferências e cursos, devendo estes, sempre que possível, ser organizados em torno da execução de trabalhos de campo; IV - realizar atividades em colaboração com Universidades, com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com o Instituto de Açúcar e do Alcool e outras entidades públicas ou privadas para o estudo científico dos problemas rurais da região; V - servir de centro de treinamento em técnicas de pesquisas sociais para estudantes de Universidades e Escolas Superiores e Técnicas, especialmente as situadas no norte do Brasil; e VI - divulgar o resultado dos seus trabalhos, publicando monografias, separatas, ensaios e estudos de autoria dos componentes dos seus diversos setores técnicos ou de especialista nacionais e estrangeiros.” REGIMENTO DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO. In: Decreto nº 50.433, de 10 de Abril de 1961.

7. Em 20 de junho a Lei Nº 9.388 cria a Universidade do Recife. A essa nova estrutura recém-criada iria fazer parte as Faculdades de Direito, Medicina e a Escola de Engenharia. No ano de 1950, a federalização da Faculdade de Filosofia de Pernambuco agregaria à Universidade uma estrutura acadêmica voltada ao ensino. Decreto nº 9.388, de 20 de Junho de 1946.

do Recife outro espaço privilegiado para as atividades dos intelectuais que se engajaram em solucionar, das mais variadas formas, os problemas sociais da Região Nordeste.

Ainda no plano das iniciativas intelectuais institucionalizadas, temos os projetos técnicos levados a cabo pela SUDENE, a partir da sua fundação em 1959. Órgão subordinado diretamente à Presidência da República, este combinou ações de seu próprio quadro de intelectuais com os de outras instituições. Essa combinação fez deste espaço um dos maiores canteiros de iniciativas que visavam acabar ou, pelo menos, diminuir os infortúnios que assolavam a população nordestina desse meio de século XX.

Uma contribuição importante e diferente das anteriores fora dada pelos intelectuais do Movimento de Cultura Popular do Recife, instituído em 1960<sup>8</sup>. Essa iniciativa se diferenciava das demais porque se tratava de um movimento cultural cuja razão de existir era o voluntarismo de um grupo de intelectuais, ideologicamente heterogêneo, na busca de uma meta comum: alfabetizar os setores populares da cidade do Recife<sup>9</sup>. Esse objetivo fez do MCP um significativo espaço de sociabilidade intelectual para grupos que contestavam os projetos políticos e econômicos da ordem estabelecida no plano local e nacional.

---

8. “Fundado por lideranças políticas e intelectuais em maio de 1960, o MCP surgiu como um departamento autônomo da municipalidade recifense. Ao assumir a prefeitura da cidade do Recife, em 15 de dezembro de 1959, Miguel Arraes definiu como uma das principais metas de seu governo solucionar o alto índice de analfabetismo que imperava na capital pernambucana. [...] Iniciativa que, dada a escassez de recursos do município para esses fins, só pôde ser levada a cabo por meio da mobilização de alguns intelectuais progressistas dispostos a ajudá-lo nessa empreitada.” (SOUZA, 2014, p. 43-44).

9. As diferenças entre as instituições culturais e os movimentos culturais vão bem mais além do que essa distinção inicial em torno das formas de organização. Muitas outras variáveis devem ser levadas em consideração para uma distinção mais acurada. No caso específico entre o Movimento de Cultura Popular e as demais organizações citadas, a diferença fundamental residia no fato daquela contestar as condições em que as instituições governamentais levavam a cabo seus projetos. Essa especificidade influenciava de forma direta, e distinta, a produção cultural dos intelectuais do MCP. Ver a respeito das demais diferenças entre instituições e movimentos: WILLIAMS (1992).

Essas evidências nos levam a supor que, mais do que simples confluência de esforços pontuais para se entender e equacionar as questões em torno do subdesenvolvimento, as discussões e os projetos técnicos e culturais que emanaram desses espaços de sociabilidade intelectual, contribuíram para adensar e institucionalizar uma determinada leitura acerca do subdesenvolvimento nordestino e brasileiro.

### **Alguns apontamentos teóricos**

O entendimento do urbano não apenas como *locus*, mas como produto e produtor das percepções acerca do subdesenvolvimento econômico e social do Brasil não é casual. Ela define um lugar de fala que procura avançar para além dos limites estabelecidos pelas interpretações que procuraram analisar as questões e debates em torno do subdesenvolvimento brasileiro, mas que, a nosso ver, acabaram apresentando o espaço urbano ora como uma decorrência direta dos enlaces econômicos, ora como cenário de manifestações políticas.

As principais referências que sintetizam esse modelo de análise são os trabalhos publicados, nos anos de 1970, por um seletivo grupo de intelectuais marxistas. Dentre esses intelectuais se destacam: Francisco de Oliveira (1972; 1977), Paul Singer (1973), Lúcio Kowarick (1975), Cândido Prociópio de Camargo (1975) e Vinícius Caldeira Brant (1975). O primeiro é aqui relacionado pelas clássicas análises desenvolvidas em suas obras “Crítica à razão dualista” de 1972 e “Elegia Para Uma Re(li)gião” de 1977, onde o autor procura apresentar as suas considerações mais originais sobre as dinâmicas de uma economia subdesenvolvida e seus processos de industrialização / urbanização. Nessas obras, o autor procura desenvolver análises que buscam compreender as contradições do modo através do qual, no Brasil, o desenvolvimento desigual e combinado

do capitalismo se processa. Esses esforços contribuíram para uma interpretação do subdesenvolvimento como sendo decorrente da combinação de um padrão “primitivo de acumulação capitalista” com novas relações de produção, onde os centros urbanos seria o espaço onde essa dinâmica se evidenciaria concretamente. Singer figura como outra importante referência pelas contribuições desenvolvidas em “Economia política da urbanização” de 1973. Nele, o autor procura elaborar uma interpretação para o processo de urbanização na periferia do capitalismo, cujo foco é destacar a mobilização do significativo “exército industrial de reserva” que migrava para os centros urbanos. Na chave de interpretação proposta no livro, o crescimento desmedido dos grandes centros urbanos é apresentado como sendo fruto das vantagens econômicas oferecidas pelas cidades que estavam passando por um intenso e rápido processo de industrialização. Por fim, Lúcio Kowarick, Cândido Camargo e Vinicius Brant são aqui mobilizados pelas ideias defendidas em “São Paulo 1975: crescimento e pobreza” de 1975. Nesse livro, a principal linha argumentativa apresentada pelos autores gira em torno da desmistificação da falsa contradição entre desenvolvimento econômico acelerado e o aumento da pobreza. Para eles, o subdesenvolvimento deve ser entendido como consequência direta da distribuição desigual das riquezas produzidas e, por essa característica, ele não desapareceria simplesmente a partir do crescimento econômico. Essa assertiva, na medida em que se fundamenta a partir de um olhar mais empírico das dinâmicas urbanas, contribuiu significativamente para o avanço dos estudos urbanos como uma chave importante para o entendimento das questões em torno do subdesenvolvimento brasileiro. No entanto, ainda nesse livro, o urbano foi retratado como reflexo ou expressão de uma dinâmica econômica própria do capitalismo brasileiro.<sup>10</sup>

Esses autores, dentro de um quadro ainda mais amplo, podem ser

---

10. As considerações aqui expostas sobre a produção intelectual dos anos 1970 também se fundamentam nas considerações desenvolvidas por ARANTES (2009).

considerados expoentes de um modelo interpretativo sobre as percepções do subdesenvolvimento brasileiro em que o urbano não figura com status interpretativo. É só com o surgimento, aprofundamento e adensamento, sobretudo nos anos 1980-1990, de inúmeros estudos que se preocuparam em colocar em primeiro plano as questões relacionadas às cidades / urbano, que esses limites puderam ser contornados. E é precisamente esse o ponto de inflexão – colocar o urbano em primeiro plano – que este texto/proposta de análise propõe em relação a esse modelo interpretativo, ou seja, investigar a produção da própria cidade, de entender o urbano como experiência, como sensibilidade, isto é, de encarar o urbano como fenômeno cultural e como produção social.

As contribuições que melhor sintetizam a vitalidade e a importância da experiência e da sensibilidade nos estudos sobre a cidade são as elaborações desenvolvidas por Nicolau Sevcenko e Maria Stella Bresciani. O primeiro, cujo itinerário de pesquisa privilegiou o diálogo entre a história e a literatura, realizou densas análises sobre os impasses da modernidade cultural brasileira sob o prisma da urbanização acelerada das metrópoles. Em “Literatura como missão” (SEVCENKO, 1985), por exemplo, o destaque são as impressões de dois renomados escritores da *belle époque* carioca sobre as transformações pelas quais passavam a cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. Já no livro “Orfeu extático na metrópole” (SEVCENKO, 1992), as análises são direcionadas para as percepções dos modernistas frente ao processo de metropolização da cidade de São Paulo nos anos 1920. Nessas duas obras, as imagens literárias e as experiências dos intelectuais que as produziram são, para o autor, o observatório privilegiado para se compreender as transformações em curso nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Sevcenko expressa a importância da experiência e da sensibilidade para os estudos sobre a cidade em diversos outros trabalhos. Em “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe” (SEVCENKO, 1985), o foco do autor é analisar as imagens literárias produzidas

pelo poeta Edgar Poe sobre o surgimento dos grandes centros urbanos no século XIX. Nesse trabalho, o enquadramento do urbano é realizado a partir de temas como a solidão, a doença, a pobreza e a morte. Para Sevcenko, discutir a cidade sob o prisma da modernização é sempre ter como ponto de partida uma cidade pensada, uma cidade sentida e experimentada.

Esse é também o ponto de partida para Bresciani. Em “Londres e Paris no Século XIX” (Bresciani, 1982), a autora investiga como a formação de uma nova sensibilidade por alguns homens cultos cria novas representações sobre o urbano e uma nova cultura sobre a pobreza nas duas principais cidades europeias do século XIX. Em “Metrópoles: As faces do Monstro Urbano” (Bresciani, 1985), a autora se dedica ao mesmo tema com igual ou maior acuidade. Esses trabalhos pontuam que as imagens criadas pelos homens cultos do século XIX não eram só uma possibilidade de se conhecer “uma nova era, prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado”, mas indicavam novas atitudes diante do urbano. Além de destacar esse potencial interpretativo das cidades a partir do diálogo entre a história e a literatura, a extensa produção acadêmica de Bresciani também privilegia diálogos com arquitetos e urbanistas em que essas imagens produzidas do progresso são sempre problematizadas a partir das experiências e da sensibilidade de quem as produziam. Esse modelo de interpretação do urbano nos possibilita vislumbrar novas explicações acerca da dinâmica cultural, política e econômica da cidade do Recife e, conseqüentemente, um novo modelo de entendimento acerca das percepções do subdesenvolvimento brasileiro, durante os anos 1946-1964.

Em suma, esse modelo de análise do urbano apresentado nos trabalhos de Sevcenko e Bresciani contribui para entendermos em que medida uma nova percepção da miséria urbana, gestada nos espaços de circulação intelectual e vivências culturais da cidade do Recife, contribuiu para novas formulações em torno do conceito de subdesenvolvimento e dos projetos para superá-lo, durante

a Quarta República.

## Conclusão

Nesse breve ensaio procuramos argumentar no sentido de que uma nova sensibilidade culta acerca da miséria urbana, de meados do século XX, foi decisiva às formulações em torno do conceito de subdesenvolvimento e dos projetos para superá-lo. Nesse sentido, entendemos que para uma compreensão acurada sobre a formulação canônica do conceito de subdesenvolvimento elaborada no Brasil, nesse meio de século, as reflexões devem procurar compreender de que forma as análises romperam os limites do quadro conceitual do pensamento econômico do período de 1945-64.

Alguns autores já apontaram que a questão do subdesenvolvimento, sobretudo a partir dos anos 1950, passou a ser objeto central de análise dos mais variados campos do conhecimento científico. No entanto, o que esse ensaio procura apresentar é uma nova perspectiva de análise que possibilite o entendimento da formação dessa nova sensibilidade que colocou a pobreza e a miséria da população brasileira no centro das questões em torno do subdesenvolvimento brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Roberto Oliveira de. *Recife da frente ao golpe*. ideologias políticas em Pernambuco. Recife: Ed. UFPE, 1993.
- Andrade, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste – Contribuições ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste*. São Paulo: Cortez, 2005.
- Alzira Alves de ABREU et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <<http://cpdoc.fgv.br>> Acesso em: Acesso em 17/04/2017.

- ARANTES, P. F. Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970. *Novos Estudos CEBRAP*, p. 103-127, 2009.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura*. São Paulo no meio século XX. São Paulo: EDUSP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Metrópole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século*. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 9(2): 39-52, outubro de 1997.
- BERNADES, Denis Antônio de Mendonça. Para ler o Recife e suas origens. In: REZENDE, Antonio Paulo (org). *Recife: que história é essa?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987.
- BRESCIANI, M. S. M. *Londres e Paris no século XIX*. O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Metrópoles: as faces do monstro urbano* (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, Brasil, v. 5, p. 35-68, 1985.
- \_\_\_\_\_. Permanência e ruptura nos estudos das cidades. In: Ana Fernandes; Marco Aurélio F. Gomes. (Org.). *Cidade & história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992, v., p. 11-26.
- \_\_\_\_\_. A cidade e o urbano: experiências, sensibilidades, projetos. *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 6, p. 64-95, 2014.
- \_\_\_\_\_. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (ANPUR), Salvador, v. 6, n.2, p. 9-26, 2004
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Cidade do Recife – Um ensaio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956.
- \_\_\_\_\_. CASTRO, Josué de. *O Livro Negro da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CERASOLI, J. F.; CARPINTÉRO, M. V. T. A cidade como história. *História. Questões e Debates*, v. 50, p. 61-101, 2009.

- COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 20*. Recife: Tese de Doutorado, UFPE, 2003.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- KOWARICK, Lúcio; BRANT, Vinícius Caldeira; CAMARGO, Cândido Procópio de (orgs.). *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975.
- MARIN, Richard. *Dom Helder Câmara, les puissants et les pauvres*. Pour une histoire de l'Église des pauvres dans le Nordeste brésilien. Paris: Édition de l'Atelier, 1995.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. 1933-1974. São Paulo: Ática, 1977.
- NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2004.
- \_\_\_\_\_. Esquerdas, política e cultura no Brasil (1950-1970) um balanço historiográfico. *Revista do IEB*, v. 58, p. 35-49, 2014.
- NETO, João Cabral. *O Rio: ou, Relação da viagem que fez o Capibaribe de sua nascente a cidade do Recife*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviços de Comemorações Culturais, 1954.
- \_\_\_\_\_. O Cão sem Plumas In: *Poesias Completas (1940-1965)*: José Olympio, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Morte e Vida Severina*. São Paulo: José Olympio, 1956.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia Para Uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste - Planejamento e Conflito de Classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. Crítica à razão dualista. In: *Crítica à razão dualista/ o ornitórrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Do atraso ao subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. In: <<http://cpdoc.fgv.br>> Acesso em 24/08/2017.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e nação*. São

Paulo: Ática, 1990.

PONTUAL, Virginia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanísticas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n.42, p. 417-434, 2001.

PAGE, Joseph A. *A revolução que nunca houve*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) Encantos Modernos*. Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 248-249.

SOARES, José Arlindo. *A frente do Recife e o governo do Arraes: nacionalismo em crise - 1955/1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. 1930/1964. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Perfis Urbanos Terríveis Em Edgard Allan Poe. *Revista Brasileira de História*, Brasil, v. 5, p. 13-16, 1985.

SOUZA, Fábio Silva de. *O Movimento de Cultura Popular do Recife*. 2014. Dissertação (Dissertação em História)-Universidade de São Paulo.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.